

Classes Gramaticais (Interjeições)

Esbarrão

- Educação, zero – disse Cininha para o homem que esbarrou nela dentro do ônibus.
- Desculpe – disse o homem, sem jeito.
- Hmmm – fez Cininha, querendo dizer “Pois sim”.

E não é que os dois desceram na mesma parada? E caminharam na mesma direção? Cininha viu o homem hesitar, depois parar e esperar que ela chegasse perto. Ele falou:

- A senhora me desculpe, viu?
- Depois do mal feito... – disse Cininha, deixando a frase solta no ar como um fiapo. E arrematou: — Educação não se compra em farmácia.
- Mas foi sem querer.
- Hmmm – fez Cininha de novo.

E continuou caminhando.

- Olhe aqui... O homem vinha atrás dela.
- O que é?
- Eu não tive a intenção de bater na senhora.
- Mas bateu.
- Foi um esbarrão. Coisa normal num ônibus.
- Normal pro senhor.

O homem agarrou o braço de Cininha.

- Mas eu não fiz por mal
- Isso é fácil de dizer agora.

O homem largou o braço de Cininha. Mas Cininha continuou parada. Por que Cininha não foi para casa? Porque aquilo era a coisa mais excitante que tinha acontecido com ela em 36 anos de vida. Fora a vez em que ela foi beijar o anel do padre e quando viu estava segurando a mão contra os seus lábios, com força, até que o padre arrancara a mão e quase a derrubara.

- A senhora não está querendo compreender – disse o homem.
- Falta de educação eu não compreendo mesmo.
- Mas eu já disse que foi sem querer!
- Hmmm.

O homem pegou Cininha pelos dois braços e a arrastou para um mato. Cininha não resistiu. Fez cara de pouco caso e nem tentou fugir.

- Eu estou arrependido! – gritou o homem.
- Fingimento – sentenciou Cininha.

O homem empurrou Cininha, que caiu no chão.

- Foi sem querer! – gritou o homem.

Cininha, mesmo no chão, deu de ombros. O homem, desesperado, procurou uma pedra grande. Encontrou. Antes de esmagar a cabeça de Cininha com a pedra, ainda gritou:

— Foi sem querer!

— Eu, hein? – disse a Cininha, antes de morrer.

VERISSIMO, L. F. A mãe do Freud. Porto Alegre: L&PM, 1997.